

ANTOLOGIA

Contos e Poemas Marítimos

VOL. V

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-71821-7
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O REI DAS PEDRAS, UM GUARDIÃO SILENCIOSO, POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO, PÁG. 05

O MAR QUE MORA EM MIM, POR CELSO RUBENS, PÁG. 09

EU E O MAR, POR CELSO RUBENS, PÁG. 11

A POESIA E O MAR, POR CELSO RUBENS, PÁG. 13

O POSTAL DO AMOR, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 16

SÁBIO HOMEM DO MAR, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 19

EU SOU A FILHA DO CAPITÃO, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 21

TRAJETO MARÍTIMO, POR ELIVELTO GADELHA, PÁG. 23

O SILÊNCIO QUE FALA, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 27

A PAISAGEM NA VITRINE, POR ELZITA FERREIRA VIDAL, PÁG. 29

SINFONIA DO MAR, POR FLÁVIA FERNANDES, PÁG. 31

7 MARES, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 33

EM ONDAS, POR HERMETE SIMON GOMEZ, PÁG. 36

NAVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO, POR AURORA, PÁG. 38

AS MARAVILHAS DO MAR, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 45

ANDRÉ, ONDA E MARÉ, POR NIA, PÁG. 47

PROFUNDEZAS, POR REGIANE BERNARDES, PÁG. 49

O HOMEM MAR, POR RENATA FALSON CAVALCA, PÁG. 51

A GRANDE BALEIA AZUL, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 54

NÃO ERA MAIS O MESMO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 56

O MAR E OUTROS... E AS DIMENSÕES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 58

MEU PRIMEIRO MAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 60

MAR E CÉU, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 62

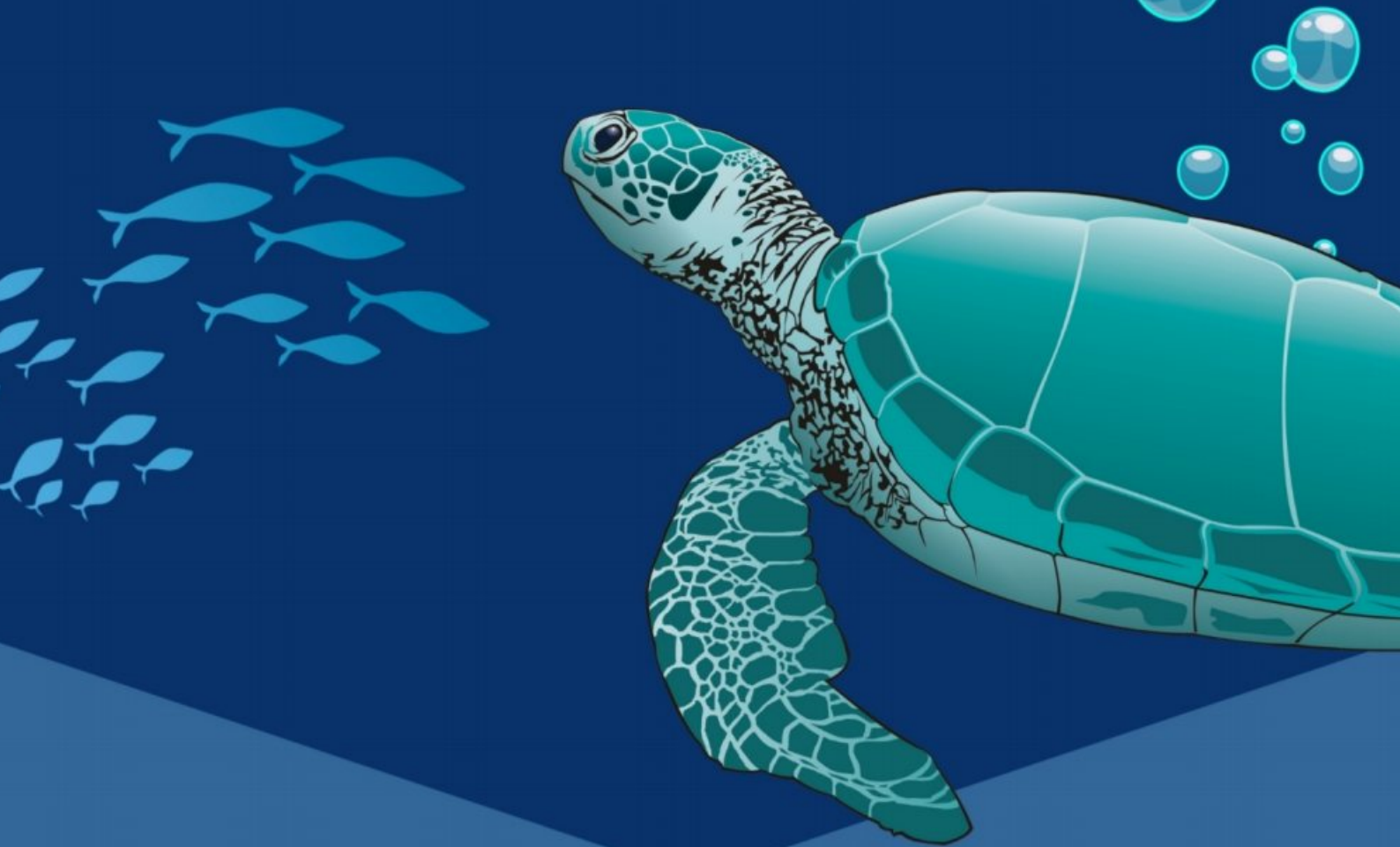
PASSARINHO NA CABEÇA, POR WILSON TROVOADOR, PÁG. 64

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 66



Contos e Poemas Marítimos

VOL. V
ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O REI DAS PEDRAS, UM GUARDIÃO SILENCIOSO

Por Aldemir B. Oliveira-Filho

Aldemir B. Oliveira-Filho reside no município de Bragança, litoral da Amazônia. Ele é professor, casado com uma pesquisadora perspicaz, versátil, admirável e apaixonada pelo mero, a qual o ensinou sobre a biologia e as histórias do senhor das pedras.



O oceano respira. Cada maré é uma pulsação ancestral, um ritmo que dita a vida no planeta azul. E, nas estruturas complexas dos recifes e manguezais do Atlântico, um gigante gentil habita essa respiração. Seu nome científico é *Epinephelus itajara*, mas os pescadores o chamam de mero. Sua história é a de um rei destronado, um patriarca à beira do silêncio, e ouvi-la é entender o fio delicado que conecta toda a vida, inclusive a nossa.

Meu nome é Domingues Maré e dediquei minha vida a desvendar os segredos desses gigantes. Lembro-me da primeira vez que avistei um. Não foi uma imagem; foi uma presença. Das profundezas azul-esverdeadas, uma forma emergiu, não com a agitação de um predador, mas com a solenidade de um rei. Com quase dois metros e meio e facilmente ultrapassando os trezentos quilos, ele nadou lentamente ao meu lado, seu corpo robusto adornado por manchas irregulares como constelações únicas. Seus olhos, grandes e escuros, não transmitiam ameaça, mas uma curiosidade profunda, quase ancestral. Era como ser inspecionado por um ancião do mar.

A biologia do mero é um testemunho da elegância da evolução. Essas manchas não são meros ornamentos; são uma capa de invisibilidade, confundindo-o com o fundo rochoso e repleto de algas onde vive. Seu corpo é um projeto de potência, construído não para velocidade, mas para explosões breves e devastadoras. Sua boca, que se abre como um grande portal, é uma armadilha a vácuo, que pode engolir peixes e polvos com uma eficiência implacável. Mas esta imagem de predador feroz esconde uma natureza curiosa e até dócil. Mergulhadores frequentemente relatam a mesma experiência: a abordagem calma, o exame paciente.

No entanto, a característica mais fascinante, e a sua maior vulnerabilidade, é o seu ciclo de vida. O mero é um ser de ritual e de regresso. Ele é protogínico hermafrodita, o que significa que todos os meros nascem fêmeas. Após alguns anos, algumas transformam-se em machos, geralmente os indivíduos maiores e mais dominantes. Esta mudança não é aleatória; é uma estratégia para garantir que os machos, necessários para a reprodução, sejam os exemplares mais robustos e experientes.

E a reprodução é um evento de profunda importância ecológica. Em épocas específicas, muitas vezes sob o plenilúnio, centenas de meros agregam-se em locais pré-determinados, sempre os mesmos, para desovar. São os “agregados reprodutivos”. É uma dança ancestral, um momento crítico em que a próxima geração é concebida. Durante essas agregações, o que era um indivíduo solitário torna-se parte de um todo, um enxame de vida liberando milhões de óvulos e espermatozoides nas correntes, confiando na natureza para garantir o futuro. É um espetáculo de fé biológica.

E foi exatamente nessa fé que falhamos.

Por décadas, a história do mero foi escrita na linguagem da exploração. Sua carne é saborosa, seu tamanho, uma tentação. Pescar um único mero significava muitos quilos de peixe, muito dinheiro. E o pior: durante suas agregações reprodutivas, eles eram presas fáceis. Imagine o cenário: os maiores e mais importantes reprodutores, os machos, reunidos em um só local, vulneráveis. Era como colher a semente antes mesmo de plantá-la. A pesca predatória, muitas vezes ilegal, dizimou populações inteiras. Estima-se uma redução drástica dos meros em diversas regiões. O gigante gentil foi levado à beira do abismo, classificado como Criticamente Ameaçado de Extinção.

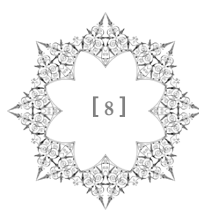
Caçar o mero durante sua agregação reprodutiva não é apenas matar peixes; é assassinar uma ideia. É extinguir um ritual milenar que sustenta a população. É silenciar uma sinfonia evolutiva no exato momento em que seu crescendo deveria ecoar pelas gerações futuras. Sem esses agregados, o recrutamento de novos meros cai drasticamente. E a ausência de um predador de topo de cadeia, como o mero, pode desestabilizar todo o ecossistema. Ouriços-do-mar podem proliferar, devastando as florestas de algas. Peixes menores, que ele controlava, alteram seu comportamento. A saúde do recife, um grande filtro de carbono e produtor de oxigênio, definha.

Mas esta história não termina em tragédia. Ela transforma-se num apelo e num testemunho de resiliência. A conscientização gerou ação. Hoje, o mero está protegido por lei federal no Brasil há anos. Sua pesca é terminantemente proibida, assim como o beneficiamento, o transporte, o comércio e a guarda, salvo com autorização específica. Organizações e pesquisadores monitoram seus locais de agregação, criando santuários marinhos guardados durante os períodos críticos.

E os resultados começam a surgir. Relatos de avistamentos estão aumentando. Populações mostram lentos, mas promissores, sinais de recuperação. Cada mergulho em que me deparo com aquele olhar curioso é um sopro de esperança. É a prova de que, quando respeitamos os ritmos da natureza, ela responde com generosidade.

Preservar o mero, portanto, vai muito além de salvar uma espécie carismática. É um ato de saúde planetária. É proteger uma peça-chave na complexa máquina que mantém nossos oceanos saudáveis. Oceanos saudáveis regulam o clima, produzem oxigênio e alimentam nações. A história do mero é uma metáfora poderosa: a sobrevivência dele está intrinsecamente ligada à nossa.

Cabe a nós, como planetários de um único lar azul, garantir que o guardião dos recifes e dos manguezais associados continue sua vigília. Que suas agregações não sejam alvo de ganância, mas de celebração e estudo. Que cada mergulhador, pescador e criança na beira da praia saiba que, sob as ondas, nada um gigante, um ancião cuja existência é um termômetro da saúde do nosso mundo. A sua perseverança é um convite para que também nós mudemos, evoluamos e encontremos nosso lugar de equilíbrio dentro do grande e respirante organismo que é a Terra. O mar dá o seu recado. Resta-nos ouvir e agir.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O MAR QUE MORA EM MIM

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura. Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos. Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas. Nunca publicou.

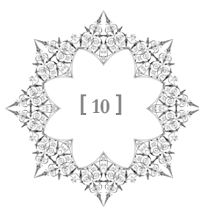


Este mar
que mora em mim,
salga meu sangue
e deixa a maresia
me respirar.

Pulsa meu coração
no balanço ritmado
de seu suave ondular.

O mar
que mora em mim
inunda o meu pensar,
e embriaga meus sonhos
com Sereias, Tritões,
Netunos e Iemanjás.

Este mar.
que mora em mim,
é um mar sem fim,
sem fim...
sem fim...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

EU E O MAR

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura. Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos. Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas. Nunca publicou.



Sol e mar,
Sal e mar,
Soa o mar,

Sou o mar?
ou é o mar
que me é?

O mar vejo e ouço,
O mar cheiro e sinto.
O mar me acaricia!
Me esfria, me aquece e me degusta!
O mar é amor...

Eu e o mar?
Nós somos!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A POESIA E O MAR

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura. Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos. Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas. Nunca publicou.



Para pescar Poesias,
lancei palavras ao mar.
Sim, para pescar poesias,
ofereci palavras ao mar.

Aquelas mais densas foram ao fundo
e lá ficaram — afogadas, silenciadas de significados.

Algumas se tornaram algas aprisionadas,
no triste destino de bailar - para sempre,
em monótono balanço ondulado.

Outras viraram pedras opacas e inertes.
Poucas se multiplicaram em peixes miúdos,
de brilho prateado e breve, com discreto efeito fugaz.

Porém,

para minha enorme alegria,
vi palavras que, por magia, resolveram flutuar,
diluindo-se no Espírito das Águas.

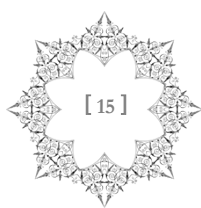
E assim, possuídas das maresias,
beberam da essência das marés,
brincaram com as rochas da arrebentação,
fervilhando em brancas espumas,
espraiando-se - em calmas areias.
Alçaram voos, em suaves brisas,
neblinas, serenos e orvalhos.

Encantadas, entoaram,
enfeitiçadas de luas,
o canto das sereias.

Somente assim,

por breves momentos,
consegui realmente,

pescar Poesias!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O *POSTAL* DO AMOR

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".



~Romeo~

embarcado, muito longe,
navios de guerra sem combates
embates amistosos em operações
hipotéticas e especulações e
probabilidades e talvez
seja melhor estar preparado.

sempre uma chance
e a qualquer chance
um postal enviado
escrito de próprio punho
não é qualquer um e eu
nunca havia recebido um.

nem dois.
muito menos três.

~Bravo~

eu guardei e reli tantas vezes
e agora eu me lembro e desejo
ler tudo de novo porque eu perdi
muito sobre você, muito de você
ainda que eu saiba muito bem
que dentro de mim te encontro
e encontro todas as palavras que
você com tanto amor escreveu só
pra mim e eu tenho cada palavra
gravada no meu coração, aquele teu coração
desenhado à caneta ainda está aqui e é o meu.

~Tango~

e o seu
coração sempre vive
junto com o meu
em memória
e imaginário
e inventário
-obsessionário-
e eu sei (o meu coração diz)
não há acaso
nada entre nós foi por acaso
e se acaso me quiseres (uma canção diz)
sim eu, confesso, te quero com todo
o meu coração.

mayday, mayday, mayday!

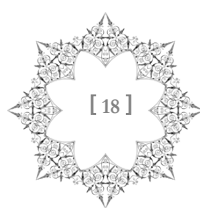
será que eu posso
te mandar um postal?

não, eu não sei o que escrever
logo eu que escrevo sobre tudo
é que sobre você... tudo é tão pouco,
qualquer palavra é insuficiente, e sim
eu tenho alguma coisa em mente e sim
eu sei que o tempo passou
e o postal agora
se chama *post*.

mayday, mayday, mayday!

será que eu posso
te enviar um *post*?

~Juliet~





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SÁBIO HOMEM DO MAR

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".



olhos postos no horizonte
ele mergulha em apnéia
para o interior de si mesmo.

segue rotas seguras
não tira os olhos do farol
nem sua atenção do timão.

hábitos de um homem
que nasceu para o mar
e que tem seu próprio ritmo.

um tempo que é só seu
e que só ele sabe
sábio homem do mar!

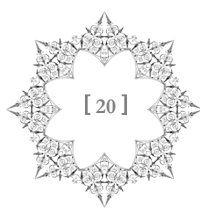
sete vivas.

salva!
salvas!
a salvo!

o ritmo do mar
o tempo do mar
a vida no mar.

tudo é ritual
todos os quartos
e no nosso quarto...

bravo zulu!!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

EU SOU A FILHA DO CAPITÃO

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

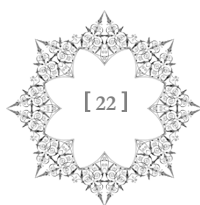


o telefone toca no navio
responde um romano
de serviço.

à postos
no posto
disposto.

- o deus eslavo dos mares está.
mas só atende com senha.
- a senha é
eu sou a filha do Capitão.
- aguarde na linha, Senhorita
e diga a seu pai que eu
nunca transferi ligação alguma.

e, por favor, diga também
que não conheço nenhum marujo
chamado “deus eslavo dos mares”.



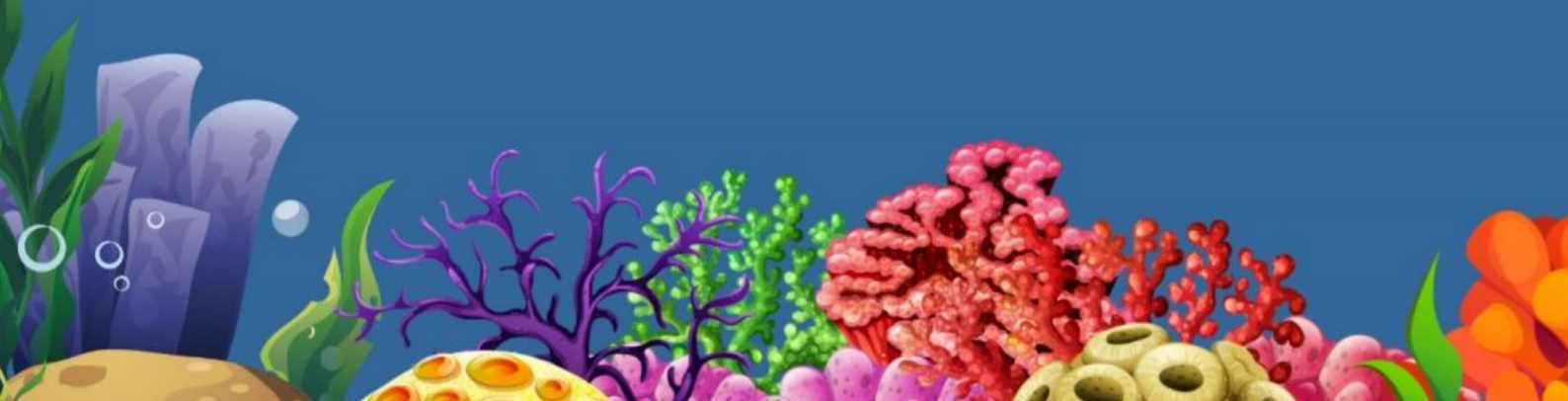


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

TRAJETO MARÍTIMO

Por Elivelto Gadelha

Natural de Pacajus/CE, hoje reside em Cascavel, onde trabalha como professor da educação básica. Formado em Letras (2021); especialista em Literatura Brasileira Contemporânea (2023) e mestrando do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras da Universidade Federal do Ceará. Possui poemas e contos publicados em revistas e antologias literárias. Na literatura, atrai-se sobretudo por temas sombrios e intimistas, os quais tenta imprimir em sua escrita, que versa, na maioria das vezes, sobre um mistério que nos escapa: a morte.



But it's calm under the waves

In the blue of my oblivion.

(Fiona Apple)

Acordou mais uma vez. Ninguém ao lado. Nenhum recado. Nenhuma chamada. Nenhuma mensagem. Os dias passavam. *Algo não está faltando?* Tinha ojeriza a despedidas, assim como odiava a falta de sorte, a falta d'água na geladeira, a ausência do perfume pela sala, o excesso de frutas podres na fruteira amarela, que ganhara dela em seu vigésimo sexto aniversário. Todos os dias, reservava algumas horas para tentar entender por que algumas despedidas simplesmente não acontecem. O que fica subentendido é o que corrói a alma, adoece a carne, deixa o corpo sujo, repleto de impurezas. Não há água que chegue.

Esperava um sinal de qualquer lugar, de qualquer tela que acendesse ou vibrasse. É óbvio que a dor mais cedo ou mais tarde se alastraria no peito feito uma bala quente. Então, encontrou refúgio no banho, turvando a vista, escutando a música leve da chuva falsa; fechava os olhos, emouquecia, levantava as palmas das mãos, posicionando-as bem próximas ao chuveiro, até que a água obtivesse uma textura flácida, que se cosia à sua flacidez própria. E estava feita a simbiose homem-oceano. Inicialmente, eram três a quatro banhos por dia. Depois aumentou para cinco ou seis. E assim foi sendo. Como se a água desse ao corpo estancado de lágrimas algum conforto provisório.

Não quis mais andar no sol...O sol era terrível e o deixaria com a pele ressecada – aquele aspecto praiano que tanto adorava nela. Ombros luminosos, salgados de quentura. Com o passar dos meses, empalidecia. A pele despelando, dando vazão a uma outra pele estranha que não era a de costume. A pele de agora era fria e mortificada. Perdera, ainda, os aparelhos eletrônicos em alguma esquina da pequena casa. Não ligava, não falava mais, comia pouco, bem pouco, tal qual um pássaro neonato.

Contudo, seu consolo de águas permanecera. Os sonhos eram frequentes. Sonhava com um mundo de doçuras clichês que sempre tivera: mensagens, viagens, beijos em alguma praia perdida na noite. Na infância, odiava o mar com a fúria de um leão: o sol escaldante, a água ardida, a areia que entrava em lugares estranhos. A celeuma de estrangeiros em barracas diversas e a dos vendedores de churros e picolé se misturavam num emaranhado de vozes que o deixava tonto.

Odiava mais ainda domingos. Geralmente, se fazia muito sol nos domingos: motivos para este dia prefacial ser duplamente detestado. Mas, neste domingo específico, acordara disposto, tomara o café com uma fome que não tinha há uns meses. Devorava, ofegante, um sanduíche robusto de presunto e queijo: amargo de mostarda, azedo de maionese; e engolia um copo de café com leite gelado como um cão sedento. Há tempos não acordava tão bem. Decidiu que iria pôr um fim na sua morbidez, e começaria indo à praia.

Ao chegar no mar, veio o êxtase: olhava incansavelmente as ondas que batiam; os raros casais que se abraçavam, os corpos que se exibiam e se escondiam atrás dos mais diversos óculos escuros – em plena luz vespertina, repletos de desfaçatez; as crianças brincando felizes, construindo castelos de areia. Quem moraria nesses castelos? Provavelmente um casal muito feliz. Seu amigo Maurício e sua namorada Thaís. Sua mãe com seu esposo, Norberto. Seu pai e Alzira, seu eterno par. Sua tia e Eduardo, seu amante. Ou então, neste castelo moraria um rei macambúzio sufocado de tédio, que gastava toda a água do planeta tomando banhos intermináveis, limpando a sujeira de um amor envelhecido que, feito um fruto de uma figueira velha, caíra e se espatifara.

Repetia inúmeras vezes o mesmo nome, da hora que acordava até o momento em que dormia. *Iara...* Pedia a deus para cuidá-la, para protegê-la e abençoá-la fortemente. Mas queria também o sossego perpétuo, que deus a tirasse de sua cabeça, que a removesse do corpo com as suas impurezas.

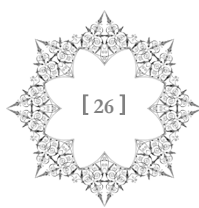
Neste momento, começou a imaginar a vida toda submarina. Pensou em como seria se ele pudesse tomar banho para sempre. Vagar sob as águas, bebê-las, brincar com as bolhas, as ondas. Ser um peixe-homem, algo que tanto ensaiara no próprio banheiro – o extenso aquário de seu apartamento. O primeiro de sua espécie a viver no fundo do mar. Não teria mais sede, não teria fome, não teria um resquício de sujeira no corpo e, pela fuga incessante dos tubarões; por bispar, concentrado, o próximo degrau de abismo que surgiria diante dos seus pés engelhados, não teria mais tempo para conversar com deus, e relembrar aquele alguém que simplesmente partira sem um até breve.

Olhou para a linha do horizonte se desfazendo. Ventava forte e a areia lhe feria os olhos; a brisa balançava cautelosamente uma cortina de água gigante. Colocou os pés dentro d'água, abriu um sorriso que seu maxilar nunca antes conhecera. Tomado de intensa e momentânea felicidade, disparou em uma corrida por libertação.

Seguiu, com a respiração entrecortada pelo letal afã. Só conseguiu pensar na limpeza profunda de seu corpo, na pureza que adquiriria a partir de agora, e, lógico, na

possível longa vida que teria em seu trajeto marítimo. Não teve tempo para pensar em deus. Todavia, ao pisar em um buraco profundo, de textura aterrorizante, desejou aquela mão que lhe afagara os cabelos por tantos anos. Lembrou da face risonha e da boca miúda que lhe diria: *sua sereia está aqui para te salvar*.

Em dado instante, não distinguia mais se era mesmo ela ou uma miragem que seu intenso desejo divisou. Imaginou que podia voltar, criar coragem, fazer perguntas, esperar as respostas. Seria dolorosa a espera, mas será mesmo que não se podia colher o figo amassado do chão, cortar a parte que se estragara e aproveitar o que sobrara de bom? Após mergulhar em delírios amplos e curtos; depois dessa última ideia tosca, advinda do *freegamismo* que ela tanto defendia e ele tanto criticava, pensou: *algo realmente não está faltando?* E submergiu para o sossego perpétuo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O SILÊNCIO QUE FALA

Por Elzita Ferreira Vidal

Nascida na Bahia, e com uma formação que une técnica e sensibilidade, ela trabalha para proteger o planeta e promover a sustentabilidade. No entanto, é na poesia que ela encontra sua verdadeira voz, transformando sentimentos e experiências em versos que refletem sua conexão com a vida.

As palavras saudade, infância, tempo, silêncio e o mar são temas que ela explora em seus poemas, capturando a essência da condição humana e a beleza da natureza.



Há um grande silêncio nessa manhã,
e o poeta escreve em seu caderno, palavras com liberdade,
em seu exercício diário da escrita.

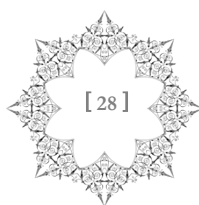
... O ruído da chuva, o canto do vento, o barulho do mar
todas as vozes entoam seus cantos e palavras,
e nem é preciso entender o que elas dizem
basta sentir o vibrar de cada coração.

Sob o olhar perdido nas planícies,
enxergo palavras felizes
ao se encontrarem umas com as outras.

As praias, os riachos,
ou o perder de vista das areias das dunas que o vento acaricia,
... as plantas, as pedras, as paisagens e a terra em seus infinitos
matizes e vivências.

É o espetáculo em seus belos dias,
ouvindo de olhos fechados, e impondo silêncio.

Salve Genipabu, Praia da Pipa, Ponta negra,
a Arena das Dunas, a Barreira do Inferno, o Morro do Careca
e os eternos comedores de camarões!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A PAISAGEM NA VITRINE

Por Elzita Ferreira Vidal

Nascida na Bahia, e com uma formação que une técnica e sensibilidade, ela trabalha para proteger o planeta e promover a sustentabilidade. No entanto, é na poesia que ela encontra sua verdadeira voz, transformando sentimentos e experiências em versos que refletem sua conexão com a vida.

As palavras saudade, infância, tempo, silêncio e o mar são temas que ela explora em seus poemas, capturando a essência da condição humana e a beleza da natureza.



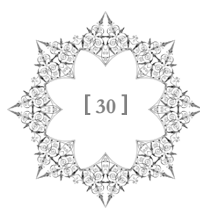
A paisagem na vitrine mostra agora
o aeroporto, o mar, o mangue e a maresia enlatada.

Esta paisagem que conheço bem,
mostra coisas e lugares que reconheço a distância:
o hotel na curva do aeroporto, as cabanas ao longo da praia,
que à tarde olha o mar debruçado riscando o céu de gesso.

Numa tradução da paisagem,
as casas são brancas, as estradas geométricas
onde as linhas dos recifes e a praia que parecem que foram riscadas
com uma régua,
compõe a cidade como numa paginação de um jornal.

... o morro do Pernambuco,
a estátua da sereia em Batuba que dorme em meio as pedras e as ondas do mar;
... a antiga ponte de concreto,
... o vagão do trem,
e os passeios urbanizados pelas formigas.

E, entre horizontes de mar,
vejo a vida que se abre e se esgota num instante intenso
e a luz do poste já velha
agora ilumina as obras mortas de fadiga.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SINFONIA DO MAR

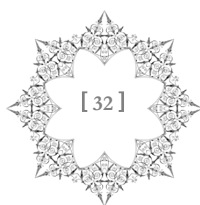
Por Flávia Fèrnandes

Flávia Fernandes do Nascimento nasceu em Campinas em 29/05/1973. É casada e mãe de uma filha, e vive com duas gatas e uma cachorra que completam sua família amorosa. Graduada em Tecnologia da Gestão Ambiental e pós-graduada em Biotecnologia Ambiental.

Como escritora, Flávia é apaixonada por contar histórias que tocam corações de todas as idades. Escreveu a encantadora estória infantil "Natal Ecológico", que trata de meio ambiente e ecologia, incentivando o cuidado com a natureza, o livro "Vacilo do Coração", uma obra que explora temas profundos e reflexivos sobre a experiência feminina e escreveu um livro infanto-juvenil *Miscelânea Animal* que fala sobre amizade.

Contribuiu também com suas obras em Antologias: coletânea de poesia "Pets na Poesia - Amizades Improváveis e Eternas", Poesia "Contemporâneas Momentum", "Viva Poesias 2024", ensaio "Entre Tragédias e Comédias" e está participando do conto "Nós".

Chuva cai no mar,
Junto com a ventania.
Conchas se fecham,
Peixes se escondem,
A procura de um abrigo.
Surgem as águas vivas,
Elas adoram a chuva.
Dançando como bailarinas,
Segurando os seus guarda-chuva.
As moreias ficam de olho,
Assistindo a tudo.
O mar está agitado,
Vai ter ressaca na praia.
O mar traz espumas na areia,
O caranguejo brinca.
E os quero-queros pulam ondinhas,
Com seu bico buscam mariscos.
E a riqueza que o mar tem e traz,
Para toda gente.
Sai a chuva,
Entra o sol,
É assim o ritmo da natureza.
Os peixes voltam a circular,
E as conchas se abrem,
Mostrando em si sua pérola.
Golfinhos e baleias pulam no ar,
Com gritinhos alegres,
E assim forma a sinfonia do mar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

7 MARES

Por Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Onde nasce Vênus; Onde se encontra o amor;

Mar Adriático

O anel cai de suas mãos.
Doce brincadeira de criança.
Ao mar tua promessa em vão
que com suas ondas dança.

Mar Árábico

O velho marujo das aventuras,
de tesouros e magias.
Rara pérola procura.
Água e deserto concilias.

Mar Cáspio

Ao inconsciente tua porta
abre o destino incerto.
O Dragão, hora descoberto,
que tempestades suporta.

Mar Egeu

Morto pelo Minotauro,
faz de tuas lágrimas
o sal de horizonte áureo
em afogar-se em lastimas.

Mar Mediterrâneo

Ulisses em sua volta
à casa, de Troia adúlterina,
cavalo de belígera escolta
onde destinos desatina.

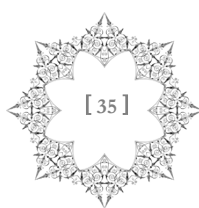
Mar Negro

A augusta condecoração
aos reis prometida,
é o que busca de coração
por essas águas esquecida.

Mar Vermelho

Ao horizonte a liberdade,
rumo à Canaã,
desfaz-se a mocidade
frente o amanhã.

“Da ocidental praia lusitana, por mares nunca navegados, barões assinalados, fizeram de seu suor, lágrimas que te salgaram.”





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

EM ONDAS

Por Hermete Simon Gomez

Hermete Simon Gomez sempre teve a palavra como seu combustível. Habilidade em Letras Port – Ingl – Espanhol, a Literatura sempre moveu seus dias. Sua expressão é uma mescla de emoções. Como os dias. Às vezes azuis, primaveris; noutros de ventos, raios e tempestades. O que a desafia é sempre buscar a melhor palavra, seja para traduzir ou para produzir. Deixar fluir, o poema, o conto, a vida. Assim, simples e naturalmente.



A água do mar
Lambendo a areia
Esgueira-se morna,
Lambanceira,
Fofoqueira
Entre cadeiras,
Esteiras
E ondulante
Entre corpos morenos,
Dourados, suados
Vai escutando ali
Bisbilhotando acolá
E, esgueirando-se como quem
Nada quer
Descobre segredos
Sabe da vida
De amores, dissabores
Encontros, desencontros...
A água do mar de mansinho,
Levezinho,
se mistura às gentes
E se sente em férias.
E quando passa o verão,
Triste, na solidão,
Xinga a areia em chicotaços
Se levanta e se estilhaça
Em mil pedaços.
A água do mar
Malemolente,
Qual lençol cobrindo a areia
É minha grande paixão.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

NAVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO

Por Aurora

Aurora é o pseudônimo de um escritor que, aos 65 anos, inicia sua participação em concursos literários. Movido pelo desejo de compartilhar histórias guardadas ao longo da vida, dedica-se a escrever contos e crônicas que unem memória, sensibilidade e imaginação. Sua estreia tardia é também um ato de coragem e reinvenção, provando que nunca é tarde para transformar palavras em caminho e literatura em destino.



Dizem que o mar não tem cheiro; mentem.

Há um odor agudo de sal, alcatrão e cordame que me toma os pulmões e substitui o mundo. Desde que deixamos Lisboa, tudo é rumor de água e madeira; sob meus pés, o convés canta um hino de rangidos que nunca se repete, como se a nau aprendesse a falar a nossa língua aos poucos — e nos respondesse. Partimos com o mapa incompleto e um desejo inteiro. O capitão confia nas estrelas, o piloto nos cálculos, e nós confiamos no costume de obedecer. Eu, apenas escrevente e marinheiro quando falta braço, tento aprender o idioma do vento.

As noites, no início, foram de um azul que parecia escorrer das velas. Nas horas mortas, deitado entre as pipas de água, ouço a náutica respiração da nau — os mastros puxando o ar, as enxárcias suspirando — e penso no que dizia o romano antigo: navegar é preciso. Preciso, não de necessidade, mas de exatidão: ângulos, alturas lunares, rumos, léguas. O astrolábio cintila na mão do piloto como um brinquedo de santo; o quadrante risca o céu com números, como se a abóbada fosse aritmética. As constelações atravessam a nossa pele e só os olhos sabem.

Viver, porém, não cabe na conta. Viver é o osso que dói num dia e silencia noutro; é a saudade que morde, a superstição que cresce, a risada que desobedece. A bordo, a vida é um bicho que se esconde nos bolsos da rotina: lustrar o convés, engraxar polias, arrumar cabos, contar feijões, espantar ratos, aparar calos. Às vezes, penso que o mar nos devora com ternura: primeiro a paciência, depois o medo, ao fim a lembrança do chão. Falamos pouco, porque a fala gasta água. E sonhamos muito, porque o sono é o único vinho abundante nesta arca.

Houve dias de vento justo em que a nau parecia cavalo de feira: obediente, vaidosa, certa. Os marujos cantavam modinhas trôpegas, batendo o compasso com as colheres de estanho. O grumete mais novo, Lourenço, trazia notícias do porão como quem traz cartas de casa: “a pipas de carne ainda segura, senhor; o bacalhau cheira, mas é cheiro de saudade”. Ríamos. E havia tardes em que as aves se adiantavam à nossa história: atuns rasgando prata na superfície, fragatas desenhando equações indecifráveis, e uma luz que parecia prometer um continente inteiro guardado atrás do horizonte, como um segredo infantil.

Até que o tempo mudou de humor.

Foi de uma hora para outra, como as dores que começam sem aviso. O barômetro do olhar do capitão desceu; os joelhos dos mais antigos travaram; um silêncio abriu fenda entre o bramido normal das águas. De repente, a tarde ficou verde, as nuvens empilharam ferro, e o vento perdeu a elegância. O piloto, que até ali era um cortesão de astros, tornou-se pedreiro de ordens: “Pano de baixo! Recolher a mezena! Almofadar vergas! Preparar bombas!” As mãos correram, e meu coração foi junto.

O primeiro golpe do vendaval não foi vento — foi mão. Uma mão velha e úmida que agarrou a nau pelo pescoço. As velas inflaram como pulmões em desespero; os mastros urinaram faíscas — fogo-de-santelmo, disse alguém, mas parecia bênção e ameaça ao mesmo tempo. O mar, que até ontem fora um cão de guarda, virou fera solta: subia paredes verticais, derrubava homens, mordida o convés. A proa mergulhava no escuro e emergia com a espuma nos olhos. A água entrou por todos os nomes do medo.

— Bombas! Bombas! — gritou o contramestre, e os braços se fizeram pás.

Cada balde arremessado devolvia à nau uma respiração miserável. O Lourenço escorregou; alcancei-lhe a gola no último instante, e senti a vida no peso do pano molhado. Os cabos cantavam um idioma de aço; as talhas gemiam seus Pai-Nosso; as velas uivavam como animais presos. E o céu — ah, o céu — era um teto que descia para esmagar os homens. Relâmpagos cortavam o ar em prumos; o trovão não respondia: mandava. Eu me descobri falando com a minha mãe como se ela estivesse amarrada ao mastro grande, e prometi mais joelhos do que tinha, se saíssemos.

O capitão, empapado, caminhava pela tolda como quem conhece os degraus de um altar. A cada passo, a nau obedecia um pouco. O rosto dele não tremia — e isso era a nossa ilha. Na arrebentação aguda de um raio, vi-lhe a boca se abrir como se fosse um sino, e o que soou não foi reza, foi ordem que atravessou os ossos:

— **Marujos! Navegar é preciso, viver não é preciso!**

Não era bravata. Era a matemática da sobrevivência. A nau precisava de exatidão: menos pano, mais peso à proa, leme a um quarto de bombordo; precisava de escutar o que a quilha dizia às ondas e responder sem lirismo. A vida, do lado de cá da frase, só atrapalhava — chorava, lembrava, temia. Engoli minhas lembranças como quem engole água, e obedeci.

Um estai partiu com som de espada; uma vela trapeou-se em crucifixo; um marujo — o velho Gaspar, que tinha mãos de faroleiro — desapareceu num recorte, como se a água o tivesse desejado por décadas. Vimos seu gorro uma vez, duas, três; na quarta,

virou passado. Ninguém buscou voz para lamentar: o lamento não boia. O contramestre grunhiu uma prece curta, e recomeçamos a ser homens de ferramenta.

A noite nasceu de parto seco. O vento nos empurrou para dentro do seu pulmão, e ali tudo era ruído sem forma. As bombas trabalharam como coração; os braços criaram calos dentro dos calos; o sal abriu pequenas bocas nas mãos; o sangue, quando veio, pareceu limpa água. Em certos momentos, senti que a nau não era de madeira: era de vontade. Amarramos uma vela de fortuna, reforçamos o brandal, redistribuímos as pipas, pusemos as agulhas a respeitar a loucura do aguaceiro. E, no ouvido, ainda ecoava o brado do capitão, repetido por cada pancada de onda: navegar é preciso — precisamos desta precisão — senão a vida termina aqui, no instante, sem sequer um adjetivo.

Não sei quanto tempo durou. Pode ter sido metade da criação ou o intervalo entre duas respirações. Um clarão mais alto do que o mundo abriu fenda na chuva; o vento, de súbito, perdeu dentes; o mar, cansado do próprio furor, sentou. A nau diminuiu o soluço e, como bicho que acha a toca, encostou no seu silêncio. Muitos caíram sentados; outros, ajoelhados; eu fiquei de pé por milagre ou estupidez. O capitão olhou para nós com um cansaço piedoso e disse apenas: “Contar.” Contamos os vivos com as mãos e os mortos com o coração. Gaspar. Houve um minuto em que ninguém quis ser humano. Depois, fomos.

O dia seguinte cheirou a madeira lavada. O sol abriu costura no céu e secou o convés como uma mão. Estendemos panos e culpas; remendamos o que tinha nome; distribuímos água limpa como prêmio; e os olhos, que na véspera só viam escuro, agora achavam beleza no cinza. Lourenço, o grumete, me trouxe uma cuia de caldo e uma notícia de criança: “Tem peixe voando, senhor.” Era verdade: os pequenos flechavam a borda como cartas lançadas por um deus paciente. Rimos de novo, mas devagar, como quem pisa chão novo.

Enterramos Gaspar no mar com toda a liturgia que cabe numa borda: pano branco, pedra, três palavras sobre a coragem, e o sal como epitáfio. O capitão, que não pregava, tirou o gorro e fez com o olhar a coisa mais parecida com uma igreja que já vi. Largamos o corpo como se devolvêssemos um livro ao qual tínhamos arrancado páginas. O mar fechou sem rumor. E seguimos.

Vieram então os dias pós-tempestade, em que cada pequeno sinal ganhava tamanho de profecia. Uma brisa com cheiro de folha — “terra tem cheiro?”, alguém perguntou, e ninguém soube responder. Galhos perdidos, feitos de uma madeira que não

era nossa. Um tronco trabalhado por mãos humanas, polido como palavra antiga. As aves multiplicaram-se, de brancas, pretas, graúdas, vagabundas; dormiram sobre as vergas como se a nau fosse árvore. O piloto, que voltara a ter pulsos de bibliotecário, conferia a agulha com obsessão. À noite, eu via estrelas novas como moedas lançadas de outra mão e pensava se o céu também tem suas Brasilidades.

Com a calma, voltaram as histórias. O cozinheiro jura ter visto uma ilha inteira, do tamanho de uma igreja, feita apenas de tartarugas empilhadas; o moço do leme garante que, no auge do vendaval, uma voz de mulher se ergueu do porão, pedindo pão e fogo; Lourenço diz que sonhou com um campo onde o mar fazia curvas como trilhas de boi. Eu, que perdi a vontade de ironias, ouço tudo como quem recolhe búzios para uma casa futura. À noite, tiro do surrão a pena e escrevo para ninguém, para o escuro, para a língua que ainda não existe: “Se a terra vier, que venha com um nome que caiba na boca.”

Em alguns amanheceres, a luz punha um ouro pálido sobre as ondas, como se alguém houvesse polvilhado farinha de milho no horizonte. Noutros, uma neblina alga recortava o mundo em ilhas de segredo. A nau avançava em silêncio de teatro, a quilha serrando o invisível, e eu sentia que todos nós, até os mais ferros, tínhamos ficado mais moles por dentro: a tormenta ensinara a concha a ter ouvido. O capitão, raro de palavras, deixava às vezes cair uma frase que ficava saltitando pelo convés como peixe: “Precisão não é certeza.” Eu anotava como quem rouba.

Então aconteceu.

Foi Lourenço quem gritou; tinha que ser. O menino tinha os olhos mais próximos do futuro. Estava na amurada de estibordo, limpando um gancho, quando a voz lhe saiu em formato de sino, rasgando o ar com uma alegria que não se ensaia:

— **Terra à vista!**

No primeiro segundo ninguém acreditou: a frase é um milagre que o ouvido teme gastar. No segundo seguinte, todos corremos, tropeçando uns nos outros, como se o horizonte fosse uma mesa posta. E lá estava: uma linha de verde escuro erguendo-se da água, primeiro como fumaça, depois como ombro, por fim como corpo inteiro — uma terra que parecia recém-lavada do dilúvio das nossas esperas.

O capitão não sorriu, porque há alegrias que dispensam rosto. Mandou reduzir pano, ajustar o rumo, preparar a âncora — cada verbo batia na madeira como martelo batendo na cruz e libertando, não pregando. Os marujos, antes de correr, deixaram um segundo para o silêncio, e nesse segundo ouvi de novo a frase que nos salvou na

tempestade, mas agora redimida de ferro e chuva. Não sei de quem veio — talvez da própria nau, que aprendera a falar — mas soou atrás dos olhos:

“Navegar é preciso.”

E o coração respondeu: “Viver, não.”

Aproamos devagar. As aves faziam pontes entre nós e o desconhecido, e um cheiro de folha amassada, mel e barro subiu como um hino novo. Os homens, que sabiam os salmos da fome, aprenderam outro canto: o do espanto. Vi mãos calejadas tremendo como as de um recém-nascido; vi joelhos que nunca tocaram chão descobrirem a utilidade dos joelhos; vi olhos que perderam o hábito da beleza ficarem cheios como pipas. Eu, que na véspera me prometera menos lembranças, desejei agora uma memória infinita. Quis escrever cada folha daquela costa com a pena inteira do corpo.

Ao fundarmos a uma distância respeitosa, as águas tornaram-se claras como intenção, e os peixes viraram lâminas de sol por baixo. A terra parecia respirar: elevações suaves, um verde que não conhecíamos, um silêncio cheio de vozes futuras. Alguém murmurou que os anjos haviam vindo morar ali. Eu, que não creio fácil nos anjos, concordei em silêncio.

No porão do pensamento, Gaspar nos olhava. Pensei nele como quem pensa um pai, e agradeci pelo pedaço de caminho que ele nos deu com as mãos. O capitão mandou preparar o batel; descemos em duas fileiras de espera. O piloto, ao meu lado, apertou o astrolábio como quem segura um talismã, e eu entendi enfim: os instrumentos nos trouxeram até a beira, mas é a vida — essa imprecisa que não cabe em pauta — que vai pisar o primeiro passo.

Antes de descer, roubei um instante para escrever duas linhas no meu caderno molhado. A tinta correu, porque as coisas importantes são assim, escorrem. Escrevi: “Viver não é preciso — mas é urgente.” E fechei.

Quando o batel tocou a água, o mundo estava todo em suspenso. A terra, paciente, parecia esperar a nossa primeira palavra para começar a existir de verdade. E nós, costas queimadas, mãos feridas, olhos lavados, éramos crianças de novo diante de uma casa nova. O velho brado do capitão, agora manso, correu pelos nossos ombros como um manto:

— Homens... devagar.

Remamos.

O silêncio entre a última onda e a primeira pegada será a minha última memória. Se um dia a morte vier de novo em forma de vendaval, quero responder-lhe com a frase que nos sustentou sobre o abismo e nos trouxe até este braço de chão: **Marujos! Navegar é preciso, viver não é preciso.** Porque só assim — obedientes à exatidão quando o caos grita, entregues à imprecisão quando a terra chama — a travessia se cumpre inteira.

E, se me perguntarem que nome tem este lugar, direi que é o nome que a água escreveu em nós:

um nome que ainda não sei, mas que nos saberá.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AS MARAVILHAS DO MAR

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



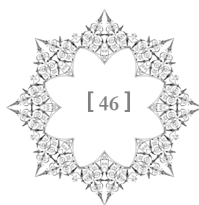
Na vastidão do mar, onde me encontro,
águas infinitas de uma beleza sem par.
Perco-me na imensidão deste encanto,
aonde as ondas vêm e vão sem cessar.

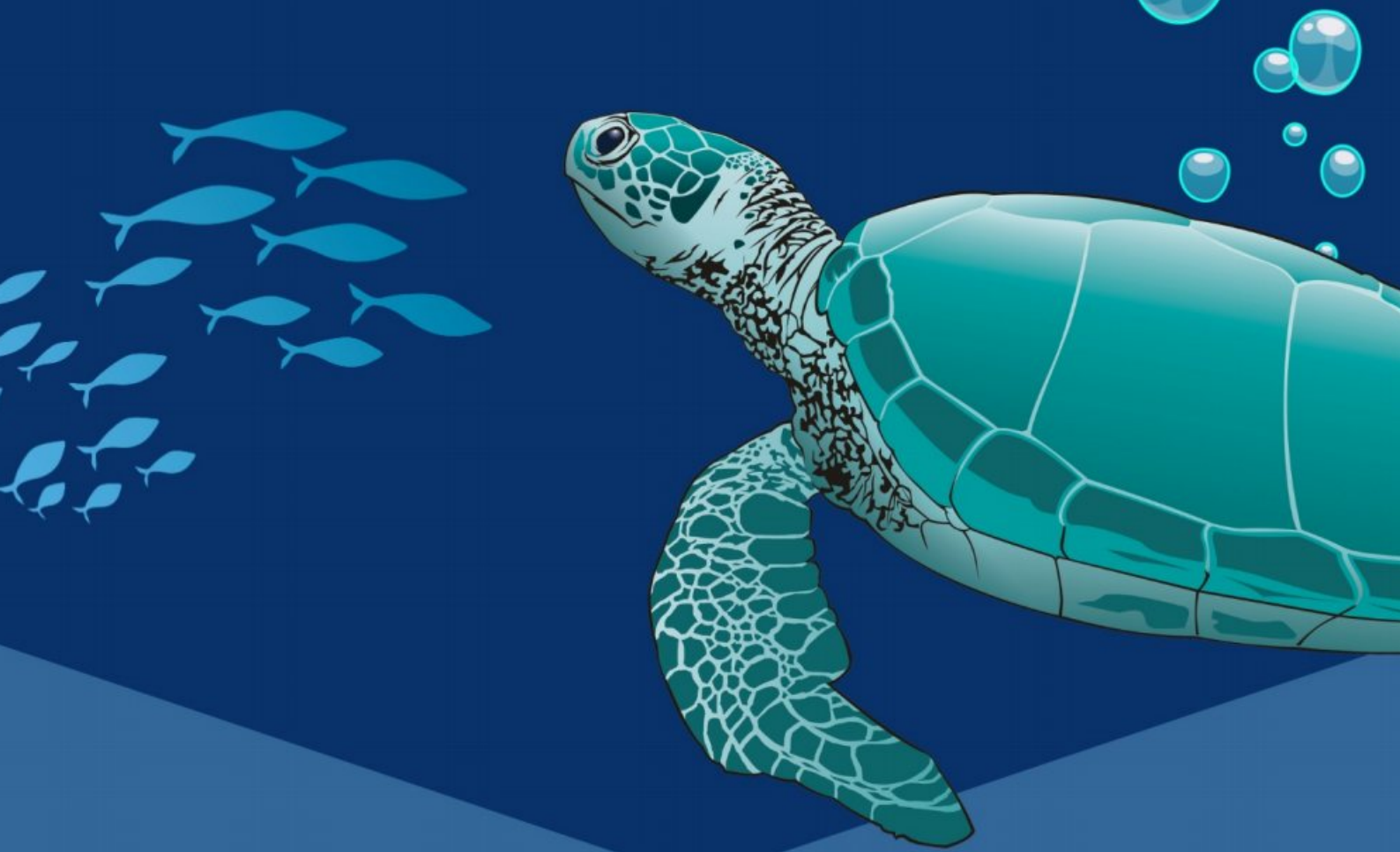
Entre a vegetação, mistérios a desvendar,
mini habitantes povoam a fauna marinha.
Diversidade de vida, impossível não amar,
cada ser pequeno em sua dança solitária.

A vegetação, com suas cores brilhantes,
dança ao sabor da maré, tão bela e bravia.
Formas exóticas, que não dá para ignorar,
no fundo do mar, uma verdadeira sinfonia.

Imaginação vagueia neste mundo profundo,
rico em espécies que o tempo fez florescer.
Cada cantinho, cada recanto, é um segundo
para admirar e novamente me perder.

Imersa estou nesta vastidão encantada,
Como esponja, absorvo toda essa beleza.
O mar, com sua força e calma entrelaçada,
É um abraço fraterno, uma eterna surpresa!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

ANDRÉ, ONDA E MARÉ

Por Nia

Nia é escritora, poeta, educadora e pesquisadora nascida no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo. Suas obras abordam ancestralidade, resistência feminina, religiosidade afro-brasileira e vivências neurodivergentes. Pessoa com deficiência (autista), construiu uma trajetória marcada por sensibilidade, militância e profundidade poética. Acompanhe seus escritos no Instagram: @escritorania.



André nunca teve berço, nem colo, nem nome completo. Ganhou o apelido de Onda e Maré porque vivia assim: indo e vindo conforme as águas mandavam. Era menino ribeirinho, nascido e criado na beira da praia. Criado pelo sopro das águas e pelo sussurro das matas, aprendeu desde cedo que seu lar não era feito de paredes, mas de correntezas e silêncios.

A mãe das águas foi tudo que teve: colo, sustento e oração. André aprendia a conversar com o mar, a pescar com os dedos, a ouvir o ritmo da maré como quem ouve um tambor.

Desobediente, sim. Não seguiu o destino que tantos previam para ele — aquele que condena os invisíveis à solidão ou à morte silenciosa. Não se afogou nas dores, andou sobre elas. Com cada passo, uma travessia. Tinha poucos suspiros, mas todos cheios de liberdade.

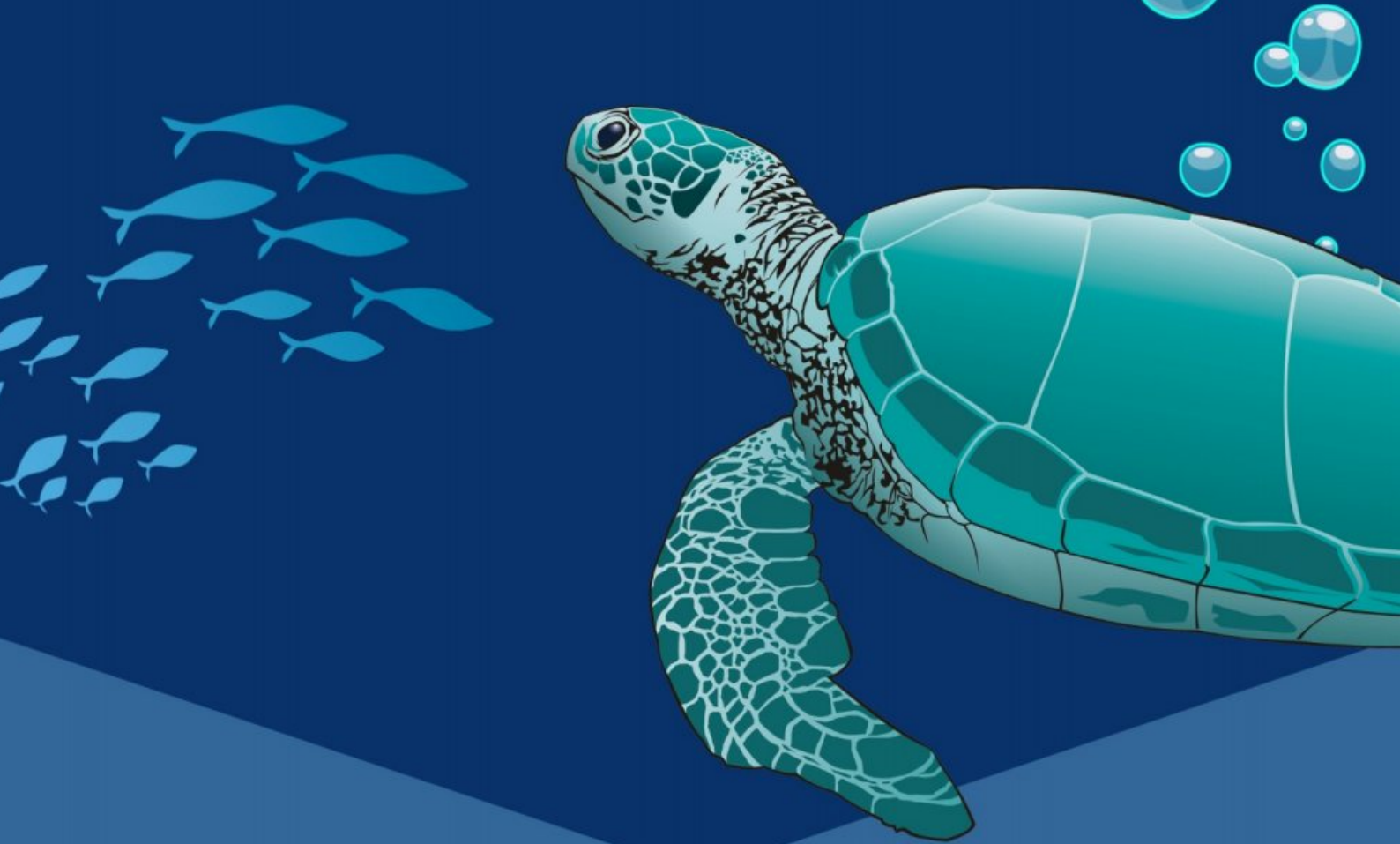
Mas um dia, vieram os homens de bota, ferro e desmatamento. Derrubaram árvores, desviaram o curso das águas, rasgaram o chão onde ele enterrava suas memórias. Invadiram seu território com olhos secos e mãos cruéis. Queriam calar o rio, calar André.

Eram os coronéis daquela terra, alegando uma posse que era encoberta e, para todos na comunidade, indigesta.

Feito de água, terra e resistência, André seguiu até os homens. Não tinha o terno e gravata, mas tinha a eloquência de sua existência.

Infelizmente, mais uma perda para se lamentar. Nos braços de lemanjá, hoje ele está.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

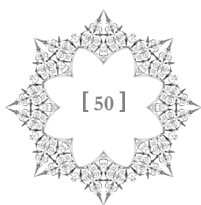
PROFUNDEZAS

Por Regiane Bernardes

Regiane Bernardes é paulista, farmacêutica e poeta. Mulher de silêncios habitados e delicadezas vivas, escreve intensidades como quem beira a paixão e se inclina ao abismo da palavra.

Uma poeta cantou
Que o mar guarda ausências.
Eu sei: cada onda
um eco do que não volta
mais.

Eu mergulho
e te encontro,
nos resquícios de sal
sussurrando lembranças
que não sei calar.
O mar é nossa testemunha.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O HOMEM MAR

Por Renata Falson Cavalca

Natural de Campinas/SP. Funcionária pública federal. Educadora. Pós-graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (IBDC), do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Direito Educacional (NEDUC) da PUC-SP e do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Estudos Ambientais Interdisciplinares da PUC-SP. Participante do Projeto COEDUCA – Coletivo Educador Ambiental de Campinas - Unicamp. Autora de várias obras e artigos científicos.



Não estamos acima da Terra, somos parte dela.
Seres-terra
A consciência, aqui, não redime; apenas ilumina.
O sentido das águas
Mar infinito
O movimento aparente do céu
Filtrando os raios do sol
Todo azul do mar
A brisa
O vaivém da maré
A novidade não está no assunto, mas no andamento.
A reinvenção do mar
Um menino mergulha onde o rio já sente a boca do mar,
Sobe o braço da maré em braçadas rápidas,
treina distância e fôlego
A insistência vence a resistência
Para alcançar o propósito
Deus sempre tem um plano
Uma travessia, o homem e o mar
Bem-vindo a bordo
Para onde eu vou?
Manual de navegação
Tempestades e calmarias
Quatro mil milhas além
Outras margens
A autoconsciência frente às adversidades
A parte que falta
O real, o possível e o necessário
Pequenas conquistas
Dias gigantes
Quando Deus nos cerca por todos os lados
Às vezes sol, às vezes tempestade

Planta oração

As estrelas sempre brilham acima das nuvens escuras

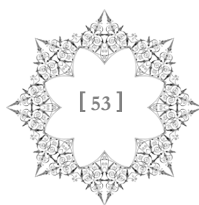
Se a vida entra, é para ser calibrada

Olha a vida acima do sol

O tempo de Deus

O dia final se escreve com verbos pequenos

As praias áureas da eternidade





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A GRANDE BALEIA AZUL

Por Rosa da Terra

Terezinha do Socorro Reis Rosa, conhecida pelo pseudônimo Rosa da Terra, é pedagoga, artista plástica e escritora paraense. Apaixonada pela arte desde a infância, encontrou na literatura e na pintura formas de expressar memórias, sentimentos e sonhos. Sua escrita transita entre poesia, contos e crônicas, com destaque para temas amazônicos, culturais e de superação pessoal. Participa ativamente de antologias literárias e concursos, levando sua voz a novos leitores.



A grande baleia Azul

Nada no grande mar,

Pra lá e pra cá.

A grande baleia Azul encontrou

Um parceiro e juntos nadam,

Pra lá e pra cá.

Eles tiveram um bebê

Com o nome de Caetano que nadam,

Pra lá e pra cá.

A família baleia azul viaja

Pelo oceano, sem fronteiras

Pra lá e pra cá.

Os recifes e corais sorriem

Vendo a família Azul,

Pra lá e pra cá.

Os peixinhos também vêm

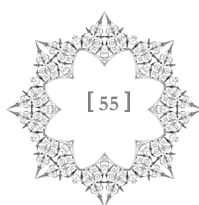
Ver a família da baleia crescer,

Pra lá e pra cá.

Agora apareceu Betânia e Caetano

No mar a nadar com alegria,

Pra lá e pra cá.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NÃO ERA MAIS O MESMO

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

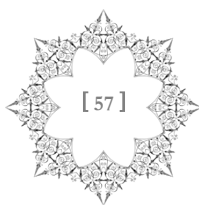


Ao passar por aquele caminho,
rumo ao centro da cidade,
espantei-me com o mar...
revolto, cinzento e opaco...
pela fúria que mostrava,
medo a suscitar.

O barulho do avançar das vagas,
nas brumas da mitologia...
lutas de gigantes e ciclopes
e Netuno o senhor dos mares...
Imagens de dormentes histórias,
a evocar.

O outrora, ao percorrer este local,
parava para cristalinas águas,
por onde belos e indolentes
cardumes e escuras oscilantes algas
transpareciam, contemplar.

Os tempos de agora, talvez
nas mudanças nas estações,
nas cores do céu e dos oceanos...
e nos seus habitantes, vagos.
Nada como dantes...
só incertezas no ar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O MAR E OUTROS... E AS DIMENSÕES

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Sonho e realidade.
Medo e coragem.
Claro dia... escura noite.
Reflexos do mar.

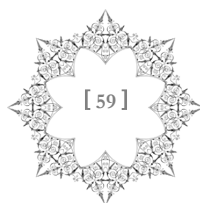
Defronte... e nele
a se desafiarem
a se interceptarem
quantas dimensões?

Aquela imensidão
que atrai e espanta
quem a procura e
quem dela se afasta.

A dualidade que consome...
Deixar-se ir ou ficar?
Imergir ou no seco permanecer?
Genes e epigenes em luta.

Estas origens no azul
habitaram... e de lá
saíram... em sólida forma...
a disfarçar a contida água.

E o ciclo não tem início nem fim.
A solidez aparente do corpo...
aquém... mas mais água
a mente reina...muito além.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MEU PRIMEIRO MAR

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Sentir o mar... Até os meus 14 anos
não o soube... só imagens me afluíam
- o desconhecido que ausente, atraía.

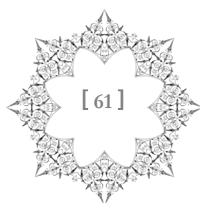
Nem pestanejei!... Ao ser convidada
e pelos pais, autorizada,
como companhia... lá fui eu.

Viajando de carro, janelas abertas
- carros ainda antigos - insidiosamente
chegou-me um salmourento aroma.

De longe, já tomada pelas sensações.
Denunciando as proximidades, o olfato.
Perto do desejado de há muito...

O mar!... E na primeira oportunidade,
na profundamente azulada imensidão,
imersa! Os primórdios, ainda não sabidos...

talvez a se denunciarem... nas sensações
julgadas, novas... para mim, pareciam...
mas o meu ADN há muito, sabia.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MAR E CÉU

Por Sellma Luanny

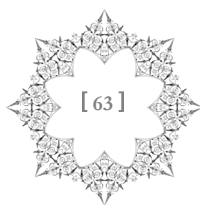
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Há dias – como hoje e agora –
que no cinzento painel, quase sem
variações de cinza, a visão nada
distingue.... um só cor.

Mar e céu numa pintura natural,
pela chuva tempestuosa e geral,
unidos... Não se projetam divisas...
a água a ser o meio e o todo.

E o mar a receber o que logo
doará... Reservatório da Natureza
que permite e expande... vai
ao espaço e volta... É água.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

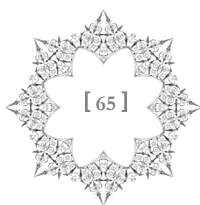
PASSARINHO NA CABEÇA

Por Wilson Trovador

Wilson Rocha e Silva, nome artístico Wilson Trovador. Cantor, compositor, poeta e escritor. Tem duas canções (em parceria com Ayrton Mugnaini Jr) gravadas pelo grupo Língua de Trapo. Trabalhou como ator em vários espetáculos teatrais, destacando "Vereda da Salvação", texto de Jorge Andrade e direção Antunes Filho, nessa peça atou com Laura Cardoso e Luiz Melo, entre outros.



O capitão também botou passarinho Sobre a cabeça, no lugar de seu chapéu E a
marujada toda foi se aproximando
De popa a proa, e lá em cima estava o céu Todo estrelado, e a redonda lua cheia Veio a
sereia e também quis comemorar
E as baleias, soltando seu esqui... chuui! Chegou o boto, querendo namorar
Levo marinho, gaivota, peixe-boi Foram chegando para a popa do navio Foi tão bonito,
todo mundo reunido
As ideias florescendo
E de repente o sol surgiu



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI